



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

ARTICULANDO FRONTEIRAS TEÓRICO-POLÍTICAS:

Sonhar currículo(s) e reconhecimento(s) a partir de um viés discursivo e decolonial

Silas Veloso de Paula Silva - Universidade Federal de Pernambuco (PPGEdu)
Raquel da Silva Freitas - Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste

Resumo: Nossa intenção é pensar o conceito de currículo por meio da articulação entre a Teoria Política do Discurso (TPD) e a Teoria Decolonial (TD). Consideramos que, faz parte da teorização utilizar-se de aparatos ontológicos e epistemológicos no campo científico para construir posicionamentos, ou seja, produzir discursos. Esse exercício teórico-político, aponta para o currículo como um campo sempre aberto às disputas e embates hegemônicos em torno da educação e a possibilidade de se afastar das formas únicas de teorizar. Neste trabalho, o ponto nodal entre as duas perspectivas consiste em refletir sobre as múltiplas identidades dos sujeitos e os seus (re)conhecimentos no que atualmente se discute sobre currículo, apontando pontos de equivalência/especificidades entre ambas perspectivas teóricas. Em outras palavras: O que significa pensar currículo a partir da Teoria Política do Discurso e Teoria Decolonial? Mais que isso, quais os limites e possibilidades desse diálogo?

Palavras-chave: Currículo; Decolonialidade; Identidades; Teorias na Educação; Teoria Política do Discurso.

O presente exercício teórico-político reforça a ideia de currículo como um campo sempre aberto no que concerne às disputas e embates hegemônicos em torno da educação. Também representa a possibilidade (ainda que parcialmente) de se afastar das formas unívocas de compreender teoria nas pesquisas em educação, especificando pontos de equivalência e divergências entre a perspectiva discursiva e a decolonial, sem perder de vista os limites e as especificidades de cada proposta em termos de análise.

Reconhecemos que pensar currículo de forma engajada, como diria hooks (2017), significa romper com as fictícias fronteiras entre teoria e prática. Neste trabalho, o ponto nodal entre as duas perspectivas em questão (TPD e TD) consiste em refletir



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

sobre o espaço das múltiplas identidades e os seus (re)conhecimentos na produção curricular contemporânea.

Temos como objetivo geral: pensar estratégias em torno de identidades e diferenças no currículo a partir da TPD e TD; o que nos levou aos seguintes objetivos específicos: 1) Refletir as possibilidades de articulação entre TPD e TD como elementos de crítica à ideia de currículo normativo e como objeto de prescrição universal; 2) Analisar as aproximações e distanciamentos entre as duas perspectivas teóricas em torno do pensamento curricular; 3) Propor estratégias em torno do pensamento curricular a partir do “sonhar currículo”, enquanto prática que se (re)constrói diariamente e que atravessa de forma central os nossos processos de subjetivação, desejos e horizontes em torno do que chamamos “educação”.

No que tange à metodologia, este exercício é construído a partir de bibliografias que levam em consideração um viés discursivo no que concerne a construção de um *corpus* para nossa argumentação. Afirmar um viés discursivo, nos permite a observação das políticas oficiais e das práticas cotidianas que “configuram a realidade da educação — de forma densamente imbricada — como construções sociais parciais, atravessadas por conflitos/contradições e intrinsecamente contingentes” (Oliveira, 2018, p.170).

Utilizamos o modelo de ciclos de racionalidade retrodutiva, que, de acordo com Silva (2022) não opera a partir de uma mera aplicação da Teoria ao campo e/ou objeto investigado. Em vez disso, o próprio campo em diálogo com os aportes teóricos contribui de forma articulada, e em uma mesma dimensão, na elaboração das proposições e afirmativas apresentadas. Isso significa que este trabalho ao mesmo tempo que parte da interrogação sobre o que chamamos de currículo, é uma produção discursiva a tal interrogação, uma resposta contextual e relacional a partir do que sonhamos com as práticas educativas.

É importante ressaltar que, compreendemos currículo como um “campo discursivo”, onde há disputas, articulações, conflitos e sobretudo sentidos em constantes transformações (Lopes, 2018). Currículo não se dissocia das práticas sócio-culturais e



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

não se refere apenas aos documentos e sentidos prescritivos em torno de conhecimentos e habilidades. Ao mesmo tempo que parece instituir e definir discursos, a noção de currículo como prática aponta para a sua (im)possibilidade enquanto um sistema fechado de significados.

Para darmos início a essa reflexão, foi relevante considerar que o caráter discursivo da sociedade inclui não apenas o que é escrito e falado, mas todo processo de construção de sentido (Laclau; Mouffe, 2015). Desse modo, compreendemos currículo como um espaço onde diversas demandas político-sociais são mobilizadas por meio de processos articulatórios, que envolvem disputas, negociações e concessões. Esses “embates hegemônicos” podem ser melhor compreendidos a partir das relações de “equivalência” e/ou “diferença” entre as identidades que constituem um discurso.

Para a TPD, a sociedade se constitui por meio de disputas entre os múltiplos sujeitos que podem se identificar, ou não, com as diversas demandas através de processos coletivos de significação. A *hegemonia* seria justamente quando há a *articulação*, ainda que parcialmente, dessas diferentes demandas em torno de um discurso que busca fixar-se. A compreensão dessas *práticas articulatórias* permite observar como os sujeitos conectam ou diferenciam as suas aspirações e os seus desejos frente às “realidades” tidas como possíveis.

Por sua vez, a TD surge com a perspectiva pós-colonial, como forma de questionar e repensar a produção do conhecimento a partir de uma racionalidade moderna e colonial. Para Quijano (2000) o processo de construção da América inaugurou um novo espaço/tempo e um padrão de poder. Junto a esse movimento foram criadas identidades historicamente novas: índios, negros, mestiços e redefinidas outras: europeu. Assim, esse movimento contribuiu para a formação de um discurso crítico sobre a visão eurocêntrica na Europa Ocidental, onde os europeus se autoatribuíam o rótulo de “modernos”, enquanto categorizavam outras populações como inferiores, na tentativa de justificar e validar atitudes de dominação e exploração.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

De certo modo, a crítica e o questionamento ao que chamaremos aqui de “paradigma da modernidade” é um ponto de partida que é comum aos dois aportes teóricos mobilizados neste trabalho. Na TD percebemos a preocupação com a (re)produção do conhecimento a partir de uma posição eurocêntrica na construção curricular, fixando significativamente posições de sujeitos, determinando o que é reconhecível politicamente e limitando de forma unívoca o nosso entendimento sobre o mundo e sobre as relações sociais.

No mesmo caminho, a TPD em Laclau e Mouffe (2015) enfatiza a *virada epistemológica* que põe em questionamento a própria noção de legitimidade do conhecimento, através da crítica ao acesso imediato às “coisas em si” sem contextualiza-las de forma discursiva. Ambas teorias implicam em uma crítica às metanarrativas sobre o conhecimento, localizando o que entendemos como “conteúdos” dentro das explícitas disputas por projetos de sociedade. Além disso, acentuam a relevância em compreender as identidades políticas como presenças imprescindíveis no tensionamento das próprias concepções modernas de compreender educação e escolarização através de uma formação cultural universalizada.

A proposta é não aceitar o currículo como coisa natural, esquecendo todo o processo de poder referente a sua produção e vivência. Além disso, apontar para uma mudança na política de conhecimento, sendo um posicionamento sempre ético, político, estético e epistêmico (Mignolo, 2008). O objetivo não é negar a disputa de poder, mas torná-la possível diante da rejeição da assimilação e defendendo o direito à diferença. Com isso, podemos dizer que a TD e a TPD têm rejeição e são críticas a uma única maneira de ler a realidade, seja esta cristã, liberal ou marxista e todos os pensamentos totalizantes. Ademais, pensar currículo como prática em um paradigma da coexistência, não significa a busca pela ausência de dissensos e tensões; pelo contrário, é dar oportunidade para que todos participem desse processo de tensionamento e disputa pelo poder (Mignolo, 2008).



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Por outro lado, a partir do pressuposto da TPD de que toda totalidade ou representação simbólica está sempre refém de sua própria contingência, compreendemos que é um equívoco pensar as teorias decoloniais como resposta última ou salvacionista para responder aos problemas da educação, muito menos em torno dos debates curriculares. Defendemos, nesse sentido, uma concepção de currículo sempre flexível, elástica, contextual que se mobiliza estrategicamente de acordo com as demandas dos grupos e identidades que buscam o reconhecimento de suas demandas, de seus sonhos e desejos, como algo reconhecível e legitimado no social.

Os modos pelos quais nomeamos e compreendemos currículo é muito mais uma tentativa contextual de responder aos problemas localizados e relacionados aos desejos e sonhos de educadores, que um empreendimento capaz de resolver de uma vez por todas qualquer tipo de conflito. Inclusive, porque os problemas sociais/educacionais perpassam e emergem de múltiplos contextos, marcadores sociais, dimensões, que requerem uma abordagem interseccional para compreendê-los.

A ideia de currículo é, portanto, o resultado de uma ação humana sob um processo de construção de sentido que é sempre parcial e contingente, mas ao mesmo tempo provoca processos de validação e reconhecido por uma comunidade, no caso deste trabalho, a comunidade acadêmica/educacional. Esse currículo é produtor de conhecimento, que pode ser reconhecido e aceito por um grupo de pessoas em um determinado espaço/tempo.

Postula-se por pensar currículo na trilha dos “sonhos”, um sonhar que se faz acordado e que não descaracteriza o subjetivo nas criações. É pensar currículo, por exemplo, com os sonhos da comunidade LGBTQIA+, da comunidade indígena, da negra, da campesina, etc., com sonhos que não estão localizados nos ideais fora das comunidades, mas junto a elas e de suas demandas. Os sonhos que assim como a noite acabam, mas que na próxima noite retomam com novas histórias e enredos, não é um sonho único ou acabado. Pensamos nos sonhos conversando com a utopia de Eduardo



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Galeano, uma utopia que está no horizonte e que sabemos que jamais alcançaremos em plenitude, mas que nos ajuda a compreender práticas curriculares como caminho.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017. 283p.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letra da UFF**, n. 34, 2008, pp. 287-324.

LACLAU, Ernesto e MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. 1. Ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2015. 286 p.

LOPES, Alice C. **Políticas de currículo em um enfoque discursivo: notas de pesquisa**. A teoria do discurso na pesquisa em educação. Recife: EFPE, p.133-167, 2018.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson de. **Provocações para aguçar a imaginação/invenção analítica: aproximações entre a teoria política dos discurso e análise do discurso em educação**. In: LOPES, Alice Cassimiro; OLIVEIRA, Ana Luiza Ramos Martins de; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Souza de. A teoria do discurso na pesquisa em educação. Recife: Editora UFPE, 2018. p. 169-216.

OLIVEIRA, Gustavo; OLIVEIRA, Anna Luiza. Malditos os que têm fome e sede de justiça: discursos cristãos neoconservadores e lógicas neoliberais na educação brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, 2022, vol. 22, p. e1155.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. 2000.

SILVA, Paulo de Tássio B. **Paisagens e fluxos curriculares Pataxó: processos de hibridização e biopolítica**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Educação; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019 (Tese de Doutorado).

SILVA, Silas Veloso de Paula. **Ensino de sociologia em tempos de guerra à “ideologia de gênero”(ou da ideologia de “guerra ao gênero”): caminhos possíveis em meio aos novos campos minados na educação**. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.